

Educação de Adultos, Perspetivas e Associativismo

Organizadores:

Armando Loureiro e Paulo Feliciano





Índice

Apresentação	7
Das Políticas às Práticas de Educação e Formação de Adultos: um espaço de reflexão, Armando Loureiro e Paulo Feliciano	8
I. O papel da APEFA	17
I.1 Associação Portuguesa de Educação e Formação de Adultos - Aprendências	18
I.2 Uma década de intervenção e perseverança Intervenção do Presidente da Direção, no VII Seminário Nacional de Educação de Adultos, no dia 22 de outubro de 2021, em Esposende	24
II. O campo de políticas, a governação e as práticas: perspetivas	35
II.1 Educação de adultos: quanto mais larga e diversa, mais humana - Licínio Lima	36
II.2 50 anos de tentativas de organização político-administrativa da Educação de Adultos em Portugal. Uma breve e desditosa narrativa - Alberto Melo	42

II.3 Espaços de Cidadania, novo paradigma de intervenção e ação nos territórios, Armando Loureiro	62
II.4 Os desafios de governança à consolidação do Sistema Nacional de Qualificações num contexto de aprendizagem ao longo da vida, Carmo Gomes	72
II.5 O Fundo Social Europeu (FSE) ao serviço da educação e formação de adultos em Portugal – uma breve crónica, Joaquim Bernardo	80
II.6 Educação de Adultos e Associativismo: Um Caminho, Lurdes Prata Nico e Bravo Nico	98
II.7 Ofertas e modalidades de EFA: das políticas aos contextos, dos contextos às políticas Olivia Santos Silva, Carminda Teixeira, Eduardo Meira	110
II.8 Literacia e outras competências básicas: pistas e modalidades para consolidar uma estratégia de ação Luís Rothes e João Queirós	142
II.9 Contributos para um modelo de formação de educadores e formadores de adultos enquanto agentes de transformação social – Luís Alcoforado	152
III. Projetos que fazem a diferença	165
III.1 Percursos de Cidadania, Alfabetização e Literacias Um projeto territorializado, solidário e inclusivo Maria Antónia Gonçalves	166
III.2 Universidade Popular Túlio Espanca da Universidade de Évora, Lurdes Pratas Nico e Bravo Nico	188
III.3 Letras Pró Vida: Caminhos de Resiliência e Esperança Carla Patrão, Dina Soeiro, Sílvia Parreiral	198
III.4 +LITERACIA, Equipa do Projecto + Literacia da ADEIMA Associação de Desenvolvimento de Matosinhos	218

IV. Testemunhos de um percurso	235
IV.1 Dez anos de atividade da APEFA, registos e memórias	236
IV.2 um primeiro esboço para o desenvolvimento da Educação de Adultos	242
IV.3 Proposta de organograma do Lugar de Projeto, APEFA 2012	252
IV.4 Caminhos e diversidade territorial	
Intervenção Presidente da Direção da APEFA	
no Conselho Consultivo, na Universidade do Minho	
em 24 de fevereiro de 2017	254
IV.5 Literacia, redes e parcerias com o compromisso de todos	262
IV.6 Registos Imagéticos	274

III.3

Letras Prá Vida: Caminhos de Resiliência e Esperança

Carla Patrão, Dina Soeiro, Sílvia Parreiral *

letraspravida@esec.pt

1. O ponto de partida

A proximidade do mundo académico à comunidade, motivada por um objetivo de valorização recíproca, está enquadrada na missão do Instituto Politécnico de Coimbra, que contribui para o seu desenvolvimento.

Fruto de uma relação duradoura e próxima de colaboração entre a Escola Superior de Educação de Coimbra e o Município de Condeixa, em 2015, foi desenvolvido um trabalho de análise de necessidades e potencialidades socioeducativas, com o apoio do Serviço de Ação Social do Município, que deu origem ao projeto Letras Prá Vida.

** Carla Patrão - Centre for Informatics and Systems of the University of Coimbra
Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra
Centro de Desenvolvimento do Potencial Humano, Núcleo de Investigação em Ciências Sociais e Humanas
Dina Soeiro - Centre for Informatics and Systems of the University of Coimbra
Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra
Sílvia Parreiral - Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra
Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX*

Foram identificadas necessidades no território de Condeixa, relativas ao analfabetismo e baixos níveis de literacia, e potencialidades ligadas à receptividade do Município e associações locais à iniciativa de criar uma resposta educativa dedicada à alfabetização e literacia.

Lançada a semente neste terreno fértil, nasceu a oficina “Letras Prá Vida” que deu o nome ao projeto. De participação aberta e gratuita, foi integrada no Serviço de Ação Social e Saúde do Município, num espaço da Loja Social, no centro da vila de Condeixa.

Desde que o projeto surgiu e se difundiu em diferentes contextos, foi-se constituindo uma equipa capacitada para responder às solicitações e exigências de cada oficina. É multidisciplinar e conta com mais de cinquenta dinamizadores das áreas de Animação Socioeducativa, Gerontologia Social, Comunicação e Design Multimédia, Comunicação Social, Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, Psicologia, entre outras. Constituída por professores, estudantes e estagiários de licenciatura, mestrado e doutoramento, voluntários e profissionais da área da educação, que os municípios e outros parceiros disponibilizam para colaborarem nas oficinas.

Por exemplo, o Município de Penacova facilita a participação das profissionais da Biblioteca Municipal. Da Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Poiares e do Centro Paroquial de Bem Estar Social de Almalaguês, participam as animadoras.

Este envolvimento dos profissionais dos contextos é muito relevante para estabelecer a ponte com os participantes e com o próprio território. Conhecem as pessoas, as famílias, os costumes e tradições locais, o património. Trata-se de conteúdo fundamental de onde emergem os temas geradores das oficinas, naturalmente diversos e situados no contexto.

Em cada contexto, há uma coordenadora local, de um parceiro que pertence ao território e constrói a rede local de desenvolvimento do projeto.

Respondendo à diversidade de desafios da alfabetização de pessoas adultas, antes do início de cada edição das oficinas, o projeto promove formação específica na área, à equipa e a outros potenciais interessados. Seguindo uma estratégia descentralizada, a formação percorre os territórios do projeto. Antes do lançamento das oficinas num determinado território, realiza-se uma formação, num espaço de um dos parceiros locais. Para além das formações que aconteceram na ESEC, realizaram-se edições em Vila Nova de Poiares, Penacova e Cantanhede, estando prevista uma nova edição para Seia.

Com esta oferta, os formandos desenvolvem competências no âmbito da educação e alfabetização de adultos, para que promovam a literacia e respondam adequadamente aos desafios andragógicos específicos que a diversidade de participantes e respetivos contextos apresenta.

A partir da reflexão crítica sobre os modelos e práticas de alfabetização de pessoas adultas, espera-se que os participantes da oficina de formação consigam aplicar os seus princípios à planificação e organização de processos de aprendizagem e experimentem estratégias e técnicas diversas e complementares, adequadas a contextos inclusivos não formais e aos participantes. A formação inicial está organizada por módulos, com o mínimo total de vinte e cinco horas, é anual e adequada às necessidades e potencialidades da equipa, podendo, em cada edição, ter módulos diferentes. Contempla o trabalho sobre os fundamentos teórico-metodológicos da educação de adultos, e as metodologias de

ensino e aprendizagem da leitura e da escrita em alfabetização de adultos, a partir da abordagem de Paulo Freire, entre outras; a literacia digital crítica e a análise e prática de alfabetização de adultos. Em função das especificidades dos participantes e contextos, a formação inclui também outros temas como os desafios da multiculturalidade na alfabetização de adultos estrangeiros e as estratégias facilitadoras da aprendizagem em casos de pessoas com demência.

Gratuita e fundamental para a equipa, também é aberta à participação de outras pessoas interessadas em Alfabetização de Adultos ou Educação de Adultos que não pertencem à equipa.

Esta abertura possibilita, muitas vezes, a integração na equipa de pessoas que se envolveram na formação e que, pelo contato próximo com o projeto, ficaram motivadas e disponíveis para participar e até para o promover no seu território.

A estratégia do projeto tem por base a sua replicação, através da oferta de formação regular para a constituição de equipas, descentralização e autonomia.

Para além desta formação inicial e regular, a equipa de facilitadores tem apoio, acompanhamento e formação contínua e sistemática, ao longo das oficinas, por parte da equipa de coordenação do projeto. A estratégia de divulgação tendo como princípio a proximidade, passou pelo contacto direto. A equipa partiu para o terreno, para falar com as pessoas, distribuir folhetos na feira, no centro de saúde, nos cafés, na igreja, na mercearia, nas escolas. Com a ajuda de pessoas de referência na comunidade, ou em situação estratégica de contacto com potenciais beneficiários deste serviço, convidámos à participação. Por exemplo, a senhora que acolhe e entrega as crianças na escola básica, passou palavra aos pais e avós.

Para além destes contactos directos, utilizaram-se os canais de comunicação habituais como a página de internet do município, a radio local, etc.

Os participantes, satisfeitos com a experiência, foram passando a palavra a familiares, amigos e conhecidos que também quiseram ver como era e experimentar. Se, inicialmente estavam renitentes por pensarem que iam voltar à “escola”, a que associavam memórias negativas, depressa se deixaram conquistar pelo ambiente descolarizado, informal e acolhedor que lá encontraram.

Outros Municípios e Associações, conhecendo o projeto, mostraram interesse em querer também implementar práticas educativas que, por um lado combatessem o analfabetismo, por outro, fomentassem a inclusão social de pessoas adultas em situação de vulnerabilidade e respondessem às demandas do envelhecimento ativo, saudável e participativo.

O projeto foi conquistando novas parcerias em diferentes territórios, incidindo maioritariamente na região centro do país. De momento encontra-se em seis territórios, 10 localidades, com 14 grupos, 180 participantes, mais de 50 colaboradores e 28 parceiros, entre os quais, duas instituições de Ensino Superior que formam na área da Educação de Adultos, uma Universidade Polaca, uma Escola Profissional, seis Câmaras Municipais, seis Juntas de Freguesia, uma empresa de prestação de serviços de Psicologia, um Contrato Local de Desenvolvimento Social (CLDS), cinco Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), uma associação nacional de Educação de Adultos e quatro associações locais.

Entre os participantes encontramos pessoas com idades distintas, maioritariamente idosos mas também jovens adultos, com diversos níveis de literacia, desde os que não sabem ler nem escrever aos

que querem aperfeiçoar a leitura e a escrita para, de forma mais autónoma, resolverem situações quotidianas. Como, por exemplo, preencher um formulário, responder a um email, etc. Além disso, a diversidade também se verifica na participação de pessoas de etnia cigana, de imigrantes e de pessoas institucionalizadas, algumas das quais com demência em fase inicial e necessidades educativas especiais, que nos colocam desafios acrescidos.

Cada grupo, em cada contexto, cria a sua identidade definindo um nome de grupo, por exemplo, temos “Os Pensadores Sem Medo”, “A Esperança Não Tem Idade”, “As Estrelas das Teclas”, “Os Pioneiros da Informática”, entre outros, que traduzem a atitude, a origem ou características do grupo. A partir de uma chuva de ideias, os participantes sugerem os nomes, que são sujeitos a uma votação. Com esta dinâmica democrática em que todos os participantes contribuem, promove-se o sentido de pertença e comunidade aprendente.

2. Coordenadas e caminhos

Enquanto resposta educativa não formal, o projeto comunitário Letras Pró Vida dinamiza oficinas com pessoas adultas, de alfabetização chamadas de Letras Pró Vida, de literacia digital as Teclas Pró Vida e as Músicas Pró Vida dedicadas à promoção da literacia através da música. Tem como objetivos promover as diferentes literacias, a inclusão social, o combate à solidão e ao isolamento, o envelhecimento ativo, a participação cívica, a cidadania democrática e a educação para a saúde.

A intervenção socioeducativa é sustentada em abordagens teóricas diversas e complementares que constituem um enquadramento sólido, das quais destacamos a aprendizagem em serviço (Sigmon, 1979, Bringle & Hatcher, 1996, Jacoby, 1996, Butin, 2005); a

andragogia e aprendizagem autodirigida (Knowles, 1973, 1975, 1980); a aprendizagem pela experiência (Dewey, 1997); a pedagogia da autonomia (Freire, 1996); a humanidade (Gineste & Pellisier, 2008); a reflexão para, na e sobre a acção como um processo formativo (Schön, 1983); a investigação ação participativa e crítica (Kemmis, McTaggart & Nixon, 2014) e a avaliação empoderadora (Fetterman, 2001), entre outras.

As oficinas são diferentes de contexto para contexto, em função das questões que emergem do quotidiano, das histórias de vida, das suas preocupações individuais e coletivas, e de forma participativa e colaborativa, procura-se dar resposta às necessidades dos participantes, a partir da abordagem da pedagogia da pergunta, mais do que a pedagogia da resposta (Freire & Faundez, 1985).

Nas oficinas Letras Prá Vida desenvolvem-se sessões de aprendizagem da leitura e da escrita dirigidas a pessoas adultas, que não frequentaram, que tiveram uma passagem breve ou mal sucedida pela escola. Se para alguns participantes, dos mais velhos, saber escrever o próprio nome era o sonho constantemente adiado, é agora alcançado. Além disso, escrever o nome dos seus filhos, netos e bisnetos é também motivador para aperfeiçoar, cada vez mais, a escrita das letras e palavras, para si sempre tão significativas. Muitas vezes, os nomes das pessoas são palavras geradoras, na abordagem de Paulo Freire (1989).

Alguns participantes têm objetivos mais funcionais, como, por exemplo, elaborar uma carta de motivação para um emprego, preencher um formulário da Segurança Social, compreender e responder a uma carta de um serviço, ler os rótulos dos produtos para uso agrícola, tirar a carta de condução; ou outros objetivos mais românticos, como escrever uma carta de amor.

Outros participantes, embora tenham aprendido, por força da vida e de não terem feito uso dessa prática, querem aperfeiçoar a leitura e a escrita. E nesse processo alimentam outras ambições tais como escrever as suas memórias, poemas, lengalengas, sabedoria popular e mesmo textos para o jornal e rádio locais. Fica assim perpetuada a memória nos seus registos escritos.

Exercendo a sua participação cívica, quiseram escrever a atores políticos para lhes fazer chegar as suas preocupações e propostas relativas às suas vidas e ao seu território. Por exemplo, reclamaram junto do Presidente da Câmara maior acessibilidade e junto do Primeiro Ministro e do Presidente da República uma maior atenção para o interior do País e para as necessidades da população mais idosa.

Nas sessões Teclas Prá Vida, aprende-se a utilização e o domínio da tecnologia, como o uso do computador, do tablet, do telemóvel, e de outras ferramentas utilitárias para o quotidiano, como fazer um pagamento online, criar uma conta numa rede social, aceder ao portal do Serviço Nacional de Saúde ou realizar uma vídeochamada para falar com os familiares. O uso utilitário da tecnologia é sempre acompanhado por uma postura crítica em relação à Internet e às redes sociais. Os participantes ficam conscientes das ameaças à sua segurança, aprendem a defender-se de burlas informáticas, a distinguir notícias falsas e a não alimentar discursos de ódio. Além disso, através destes meios, beneficiam da proximidade da comunicação com os protagonistas do poder local, por exemplo, reclamando o cumprimento de promessas eleitorais.

De consumidores digitais passam a ser cidadãos ativos e a ter uma voz crítica sobre o mundo.

Perante as especificidades das comunidades mais idosas, como o caso dos participantes com défice cognitivo e/ou demências, e em colaboração com a IPSS e seus profissionais da área da animação surgem, nestes contextos institucionais, as oficinas Músicas Prá Vida. Através de músicas populares e outras do gosto dos participantes, e da equipa, são estimuladas memórias e emoções que partilham oralmente e que, posteriormente, através da leitura e da escrita, motivam para trabalhar as letras, os poemas, as quadras e o significado das canções. Normalmente um dos membros da equipa anima com a guitarra e todos cantam e acompanham com os vários instrumentos de música popular disponíveis, tais como a pandeireta, os ferrinhos, o adufe, o tambor, o reco-reco, as castanholas, entre outros, e com palmas e dança ao ritmo das músicas. Também temos participantes que dominam a concertina ou a harmónica e que nos transportam para os bailes da aldeia onde se namoravam, e que são motivo para a partilha intergeracional sobre temas como a igualdade de género, a sexualidade, a liberdade, a autonomia, entre outros. Nestas oficinas, a música está ao serviço da literacia e do bem-estar.

Com uma atitude de escuta ativa permanente, em todas as oficinas, a equipa facilita a aprendizagem dos participantes, que definem os seus próprios objetivos e caminhos. Promovendo a partilha reflexiva e crítica sobre os temas que lhes suscitam interesse, estes são trabalhados, pelos participantes, de forma significativa, validando e reconhecendo a literacia das suas vidas. Por exemplo, as participantes da oficina de um bairro social de Coimbra trouxeram para discussão dois temas que estavam na ordem do dia, o racismo e a eutanásia, sobre os quais manifestaram as suas posições e discordâncias. Algumas delas já tinham sido alvo de situações de discriminação.

A abordagem humanista privilegia um trabalho personalizado, de educação orientada para a mudança (Manninen, Jetsu, Sgier, 2019), que tem como ponto de partida a literacia da vida. Em vez dos défices, valoriza-se o que as pessoas sabem e quem são, as suas potencialidades para além das necessidades.

Cada passo na aprendizagem, por mais pequeno que pareça, é elogiado. As pessoas aprendem a valorizar-se, reconhecem que são capazes, conquistam autonomia e aumentam a sua autoestima. Se algumas tinham perdido a fé na aprendizagem e na educação, a crença de que já não são capazes é substituída pela esperança, reabilitada pelas experiências de sucesso e pela compreensão de que o erro é uma oportunidade de aprendizagem.

Esta valorização também tem um importante impacto nos elementos mais jovens da equipa, que aprendem a olhar para as pessoas mais velhas como válidas e capazes. Para além do enriquecimento pessoal, este processo de aprendizagem recíproca é também transformador, significativo e valioso do ponto de vista técnico e científico.

Trata-se de “uma forma de educação experiencial na qual os estudantes se envolvem em atividades que respondem a necessidades de pessoas e comunidades e são oportunidades intencionalmente planeadas para promover a aprendizagem e desenvolvimento do estudante” (Jacoby, 1996, p. 5). É a aprendizagem em e ao serviço das comunidades.

Com uma periodicidade semanal, as oficinas têm, normalmente, duas edições por ano, a edição de primavera, que ocorre entre março e junho e a edição de outono, durante os meses de outubro a janeiro.

Funcionam em espaços diversos, cedidos pelos vários parceiros, desde bibliotecas municipais, salas de convívio nas IPSS e Casa do Povo, associações e juntas de freguesia, assim como em antigas escolas primárias, que reabrem portas. Em muitas aldeias, as antigas escolas primárias estão abandonadas mas poderiam ser espaços de encontro e aprendizagem das comunidades.

A relação andragógica que se estabelece entre os participantes e a equipa sustenta-se nos afetos. A equipa acolhe sempre os participantes com um sorriso ou um abraço, respeitando o espaço de cada um/uma, vão-se construindo laços de amizade significativos para todos.

O espaço é organizado em círculo ou em retângulo, em grande grupo e em pequenos grupos, de modo a facilitar a aprendizagem, a partilha e o convívio. Os participantes são livres de escolherem o seu lugar na mesa, que está sempre posta com flores, livros vários, cadernos, dicionários, jornais, lápis, esferográficas, borrachas, computadores, para os receber.

Ao lado dos participantes sentam-se os elementos da equipa. Dependendo dos desafios que cada grupo apresenta, assim como da disponibilidade dos facilitadores, procuramos garantir um elemento da equipa para cada três participantes. Numa horizontalidade facilitadora do diálogo de aprendizagem, os participantes partilham livremente os seus saberes e opiniões, sentindo-se ouvidos e valorizados. O que permite uma constante e recíproca aprendizagem entre todos.

Este ambiente familiar favorece a intergeracionalidade onde todos se sentem bem. Como as portas estão sempre abertas, o grupo vai crescendo ao longo da edição com a entrada de novos participantes. Os pais podem trazer os filhos, os avós podem trazer os netos ou, em casa, orgulhosos, mostram as suas produções escritas e partilham

leituras, facilitando a literacia familiar. Os cônjuges e a família são convidados a contribuir, para que valorizem e reconheçam a importância deste processo, envolvendo-se, para além das oficinas. Temos vários casais ou membros da mesma família que passaram a participar, contagiados pelo entusiasmo dos que já participavam. Temos filhos e netos que, em casa, apoiam permitindo dar continuidade à aprendizagem que se faz nas oficinas.

Os livros estão sempre presentes e disponíveis para levarem para casa. Cada oficina tem uma pequena biblioteca construída com livros doados, o que não dispensa a visita à biblioteca pública. Esta é uma prática importante para promover a utilização autónoma deste serviço e para perceberem que este espaço também é para eles. Muitos participantes nunca tinham entrado numa biblioteca, alguns nem manuseado um livro, e passaram a ser utilizadores autónomos. De um objeto de luxo, o livro passou a ser um objeto acessível e familiar.

O projeto promove muitas outras iniciativas abertas à comunidade, como, por exemplo, a troca de cartas em papel entre avós e netos, participantes e crianças das escolas, na atividade Chegou o Carteiro, que envolve desde a escrita à entrega animada por um membro da equipa, devidamente fardado e com a tradicional pasta de cabedal, material gentilmente cedido pelos Correios de Portugal; a visita a museus e a troca e partilha de livros na iniciativa Leva-me Sou Teu.

3. Olhares sobre os percursos

As evidências comprovam o desenvolvimento individual de competências de literacia e de literacia digital e claros benefícios para a autoestima e autoeficácia, restaurando, para quem a tinha perdido, a esperança na educação. São também notórios os sinais de maior satisfação com a vida e bem-estar, quer pelo convívio e laços

afetivos criados, quer pela (re)construção de um projeto pessoal de aprendizagem correspondente, muitas vezes, a um sentido para a vida. Numa verdadeira perspetiva de aprendizagem e educação ao longo da vida, o passado de cada pessoa é valorizado, o presente é vivido com significado e o futuro é perspetivado com esperança e otimismo.

Algumas das participantes, em situação de desemprego de longa duração, encontraram o seu caminho profissional a partir do seu envolvimento nas oficinas. Vários participantes descobriram a sua motivação para formação profissional, para a qual foram encaminhados.

Numa dimensão mais coletiva, por via da participação e do envolvimento das pessoas no projeto, contribui-se para a inclusão social e o maior exercício da cidadania ativa.

A equipa valoriza a aprendizagem significativa adquirida com o projeto, traduzida na co-construção de conhecimento técnico e científico, útil do ponto de vista profissional e vocacional, mas também de enriquecimento pessoal, e de realização pelo seu contributo tangível em favor das pessoas e comunidades.

Para os estudantes envolvidos, a participação no projeto vai muito para além da realização de um trabalho académico, com vista a ser avaliado para a obtenção de uma boa nota. É um desafio exigente que lhes oferece a oportunidade de conhecer pessoas e realidades diferentes, no qual desenvolvem competências sociais e humanas, significativas aprendizagens para a vida.

Os vários parceiros envolvidos, no empreendimento conjunto que o projeto representa, reconhecem o contributo para a inclusão social

e literacia das pessoas no seu território, e para o envelhecimento ativo, saudável e feliz.

No final de cada edição de Primavera, realiza-se a cerimónia de entrega dos certificados de participação, uma festa que reúne a família Letras Prá Vida, participantes e suas famílias, equipa, parceiros, representantes políticos e institucionais e comunidade em geral. Nesta ocasião, de importante reconhecimento social para as pessoas do projeto, inaugura-se a exposição anual que mostra fotografias e produções dos participantes dos vários grupos. Esta exposição percorre, depois, os vários territórios onde o projeto se desenvolve.

Com base na perspetiva da Avaliação Empoderadora de Fetterman (2001, 2005, 2018), e numa abordagem qualitativa e formativa, de forma sistemática, contínua e participativa, a avaliação do projeto considera os contributos dos diversos atores envolvidos. Os processos, a evolução, os resultados, os produtos e os desafios são avaliados pelos participantes e pela equipa, no final de cada sessão, com uma discussão e um relatório crítico, assim como no final de cada edição, momento em que se produz um relatório final. Os parceiros também avaliam cada edição, através da discussão desse relatório e fazem uma apreciação pública na cerimónia final de entrega dos certificados aos participantes e equipa.

Tem também em conta o olhar da comunidade de prática e dos amigos críticos do projeto que, em reuniões, conferências e encontros científicos, dão os seus contributos.

O impacto na valorização da Educação de Adultos em Portugal é também considerado, pois o projeto tem tido a atenção dos meios de comunicação social e do setor, em Portugal e no mundo. Participa em iniciativas como a Setembro Mês da Alfabetização e da Literacia

(SMAL), promovida pela Associação Portuguesa de Educação e Formação de Adultos (APEFA), os 7 Dias com os Media promovida pelo Grupo Informal sobre Literacia Mediática (GILM), em espaços de partilha e redes como a Electronic Platform for Adult Learning in Europe (EPALE), a European Association for the Education of Adults (EAEA), a European Society for Research on the Education of Adults (ESREA) e a Lifelong Learning Platform (LLLP).

4. Caminhar em comunidade

Com os objetivos de enriquecer o debate crítico sobre a Educação de Adultos, contribuir ativamente para a promoção da Educação de Adultos para Todos, divulgar boas práticas no âmbito da Educação de Adultos em Portugal, reunir e promover a comunidade de prática do Letras Pró Vida e celebrar a alegria e o poder de aprender ao longo da vida, realizam-se anualmente, desde 2017, os Encontros de Educação de Adultos Pró Vida.

Seguindo uma estratégia descentralizada, tal como acontece com a formação, também os encontros percorrem os territórios do projeto.

Durante a manhã, após a abertura oficial, são assinados acordos de adesão de novos parceiros do projeto. Seguem-se conferências

alusivas à temática de cada encontro, nas quais participam personalidades de relevo da Educação de Adultos que são amigos críticos e integram a comunidade de prática do projeto.

A tarde é reservada para a apresentação e partilha de projetos, boas práticas e experiências de Educação de Adultos não formal em Portugal.

Abertos e gratuitos a qualquer pessoa interessada, são espaços de verdadeiro encontro entre académicos, estudantes, políticos nacionais e locais, profissionais que trabalham na área da Educação de Adultos e os protagonistas, os participantes das oficinas.

Os encontros terminam sempre com os Copos Prá Vida, uma festa convívio com lanche partilhado e animação musical e cultural, da responsabilidade dos participantes.

O primeiro encontro, realizado na Escola Superior de Educação de Coimbra, sob o tema Celebração do Ano Europeu da Educação de Adultos, refletiu sobre a Educação de Adultos, dos desafios às oportunidades e sobre as Literacias enquanto pontes para a construção da cidadania.

O segundo aconteceu no museu PO.RO.S, em Condeixa-a-Nova, e incidiu sobre a Educação de Adultos no coração de Portugal, as histórias, as memórias, as pessoas, os territórios, as identidades e as dinâmicas locais. Durante este encontro, a ESEC recebeu o Certificado de membro associado da European Association for the Education of Adults (EAEA).

Sob o mote Literacia para a Democracia decorreu o terceiro encontro no Centro Cultural de Vila Nova de Poiares, onde se

homenageou o Professor Alberto Melo que proferiu a conferência O Poder da Literacia: os “26 soldadinhos de chumbo” que mudaram o mundo.

Devido ao estado de emergência provocado pela pandemia, o quarto Encontro de Educação de Adultos Prá Vida: Viver a crise com a Educação Permanente realizou-se em formato online.

5. Encruzilhadas

O projeto enfrenta desafios difíceis e exigentes que só com um esforço concertado e apoiado podem ser ultrapassados. Alguns dos quais são comuns a outras iniciativas de Educação de Adultos não formal.

O financiamento do projeto é partilhado, pois cada parceiro dá o que tem, mas é insuficiente para generalizar e profissionalizar a oferta. A sustentabilidade baseia-se no apoio dos parceiros, voluntariado e participação dos estudantes, caracterizada pela instabilidade e incerteza. A formação da equipa é especializada e descentralizada, com oferta itinerante, o que permite a constituição de equipas multidisciplinares locais, nos diferentes territórios, mas sem garantia da constante participação dos seus elementos, que é predominantemente flutuante. Dependente do calendário académico e da disponibilidade, não permite que as diversas oficinas tenham uma frequência mais do que semanal, por grupo, ao longo de todo o ano.

Porque ainda não existe, em Portugal, uma estratégia coerente e articulada de Educação e Formação ao Longo da Vida (EFA), que valorize a Educação de Adultos Formal, Não Formal e Informal, a articulação entre as ofertas de EFA formais e as outras é difícil, pois exige uma lógica mais flexível, integrada, contextual e participada. Não desvalorizando a certificação e qualificação, urge reconhecer e valorizar a EFA não só para a vida do trabalho, mas uma efetiva educação para a vida toda, para todas e todos, dos jovens adultos às pessoas mais velhas. Pretende-se concretizar a ideia de que “a educação de adultos pode contribuir para mudar vidas e transformar sociedades, é um direito humano e um bem comum”, expressa no Manifesto para a Aprendizagem de Adultos no séc. XXI (EAEA, 2019).

O combate ao descrédito do valor do investimento na educação de pessoas adultas idosas e em contextos de isolamento exige que se vá ao encontro das pessoas, mesmo que sejam poucas, onde há reduzida ou nula oferta de oportunidades socioeducativas, garantindo que não se deixa ninguém para trás.

O projeto foi apresentado como um exemplo no processo de construção participada do Plano Nacional de Literacia de Adultos (PNLA), no qual depositamos grandes esperanças para responder às necessidades de literacia dos adultos portugueses. O analfabetismo não é um problema do passado, nem exclusivo dos mais velhos, a literacia é um desafio para a sociedade portuguesa que deve mobilizar todos.

A agravar o estado da situação, a pandemia obrigou à suspensão das oficinas e limitou a intervenção socioeducativa com os participantes a visitas domiciliárias, a contatos por telefone, à promoção da literacia digital crítica e educação para a saúde através dos meios digitais. Privilegiámos a formação da equipa e de animadores em contextos comunitários e institucionais, com oferta de formação própria, a nossa participação em variadas iniciativas de formação nacionais e internacionais e o diálogo com a nossa comunidade prática, a família do Letras Prá Vida, para definirmos estratégias futuras.

Apesar de obrigados ao distanciamento físico, procurou-se manter a proximidade social, também em articulação com as famílias, os serviços e as comunidades. Num esforço de resistência e resiliência, não deixamos morrer a esperança e iremos voltar em breve, necessariamente de forma diferente, continuaremos a oferecer alfabetização com o coração.

Referências bibliográficas

- Bringle, R., & Hatcher, J. (1996). Implementing Service Learning in Higher Education. *The Journal of Higher Education*, 67 (2), 221-239.
- Butin, D. (2005). Service-learning as postmodern pedagogy. In D. Butin (Ed.). *Service-learning in higher education. Critical issues and directions* (pp. 89-104). New York: Palgrave Macmillan.
- Dewey, J. (1997). *Experience and Education*. New York: Touchstone.
- European Association for the Education of Adults (2019). *Manifesto para a Aprendizagem de Adultos no séc. XXI: O Poder e a Alegria de Aprender*, EAEA: Bruxelas. Acedido a 30 de junho de 2021. Disponível em: <https://eaea.org/our-work/influencing-policy/manifesto-for-adult-learning-in-the-21st-century/>.
- Fetterman, D. (2001). *Foundations of Empowerment Evaluation*. Thousand Oaks: Sage.
- Fetterman, D. (2005). Empowerment Evaluation Principles in Practice: assessing levels of commitment. In D. Fetterman & A. Wandersman (Eds.), *Empowerment Evaluation: Principles in Practice* (pp. 42-72). New York: Guilford.
- Fetterman, D. & Wandersman, A. (2018). Essentials of Empowerment Evaluation. In D. Fetterman, L. Rodríguez-Campos & A. Zukoski and Contributors, *Collaborative, Participatory, and Empowerment Evaluation* (pp. 74-89). New York: Guilford.
- Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. & Faundez, A. (1985). *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio e Janeiro: Paz e Terra.
- Gineste, Y. & Pellissier, J. (2008). *Humanidade: Cuidar e Compreender a Velhice*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jacoby, B. (1996). Service-learning in Today's Higher Education. In B. Jacoby & Associates (Eds). *Service-Learning in Higher Education* (pp. 3-25). San Francisco: Jossey-Bass.
- Kemmis, S., McTaggart, R. & Nixon, R. (2014). *The Action Research Planner: Doing Critical Participatory Action Research*. London: Springer.
- Knowles, M. (1973). *The adult learner: a neglected species*. Houston: Gulf Publishing Company.
- Knowles, M. (1975). *Self-Directed Learning: a guide for learners and teachers*. New York: Associated Press.
- Knowles, M. (1980). *The modern practice of adult education: from pedagogy to andragogy*. New York: Association Press.
- Manninen, J., Jetsy, A. & Sgier, I. (2019). *Change-oriented adult education in the fields of democracy and digitalization. FutureLabAEProject Intellectual Output*. Brussels: EAEA. Acedido a 15 julho 2020. Disponível em: https://eaea.org/wp-content/uploads/2020/02/FutureLabAE_updatedversion2.pdf.
- Schön, D. (1983). *The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action*. New York: Basic Books.
- Sigmon, R. L. (1979). *Service-learning: Three Principles*. Synergist. National Center for Service-Learning. Action, 8 (1), 9-11.

